Globethics Repository



A midia de massa esta fazendo campanha para o enfraquecimento do governo [A midia de massa esta fazendo campanha para o enfraquecimento do governo]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Scherer-Warren, Use
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-11 12:12:39
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163036

transformação social, não se perca nessa avalanche política. Nosso papel principal é o de minimizar o desastre político e ideológico que essa situação atual representa.

IHU On-Line – Como o senhor vê a posição da mídia em relação à crise?

Jorge Eduardo Durão - A ação não pode ser simplificada. Por um lado, há várias ações da mídia que são relevantes para contribuir para a apuração de todas as denúncias. Como ouvi em um debate, o ritmo da crise contribui para certos comportamentos irresponsáveis da mídia. A maneira como O ***Estado de S. Paulo*** noticiou o pagamento que a Abong recebeu da agência SMP&B foi desonesto. Disseram que havia sido um depósito em meu nome. No dia seguinte, deram nossa nota de explicação, mas não desmentiram com clareza o que disseram antes. Há um limite para o jornalismo investigativo, que é a séria apuração do que vai ser dito na mídia. Denúncias infundadas contra pessoas inocentes é uma violação dos direitos humanos.

IHU On-Line – O senhor declarou, na época da matéria publicada no *Estado de S. Paulo,* que pensava em processar o jornal. O senhor está fazendo isso?

Jorge Eduardo Durão - Não estou processando porque a ambigüidade na maneira como procederam, segundo avaliação dos advogados que consultei, tornaria a ação muito difícil. Isso mostra um poder imenso. Você diz algo de maneira ambígua, mas que a maioria das pessoas entende de uma maneira, e depois não desmente.

"A mídia de massa está fazendo campanha para o enfraquecimento do governo"

Entrevista com Ilse Scherer-Warren

A professora Ilse Scherer-Warren, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, contribui com sua análise sobre a conturbada conjuntura nacional, em entrevista concedida pessoalmente à revista ***IHU On-Line***. A professora esteve visitando a Unisinos e o Instituto Humanitas Unisinos durante sua participação no VII Corredor das Idéias do Cone Sul, que aconteceu de 17 a 19 de agosto, ocasião em que integrou a mesa-redonda *Identidade/Integração Cone Sul*. Ilse é graduada em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela UFRGS. É também doutora em Sociologia pela Université de Paris X (Paris-Nanterre), da França, e pós-doutora pela University of London, da Inglaterra. A professora é autora de vários livros, entre os quais citamos: ***Cidadania Sem Fronteiras: Ações Coletivas Na Era da Globalização***. São Paulo: Hucitec, 1999 e ***Redes de movimentos sociais***. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

IHU On-Line - Era previsível uma crise assim desde que Lula começou a fazer suas alianças eleitorais, antes da eleição?

Ilse Scherer – O PT tinha uma proposta definida em uma certa direção, e as alianças que vieram compor o governo não se juntaram a essa proposta, mas buscaram

instrumentalmente ocupar uma parte do poder. Por isso, essa aliança se tornou bem complicada. Devemos nos perguntar o porquê de uma crise nesse momento. É claro que houve fatos que proporcionaram o desencadeamento da crise, e não podemos negá-los. Mas a forma como a crise se desenvolveu, o uso político que foi feito desses fatos e a intensidade da crise em termos políticos está muito vinculada a um certo oportunismo das oposições, a, praticamente, um ano das eleições, para fazer de tudo com o desejo de destituir o governo que aí está ou, pelo menos, desgastá-lo.

IHU On-Line – Quais os principais fatores que levaram à crise atual?

Ilse Scherer – Poderíamos falar em dois fatores, ou de dois lados da moeda, que não estão aparecendo na imprensa. A mídia mostra só um lado da moeda e, assim mesmo, não o coloca em suas raízes, já que a imprensa é muito parcial e estimula a crise. Um lado da moeda é a necessidade de mudança no próprio sistema político e no sistema político eleitoral. O outro lado da moeda da crise é que as CPIs mostram que não há tanto interesse para resolver o problema estrutural brasileiro. O que há é demagogia e hipocrisia, pois está se fazendo uso político do que está acontecendo, com a intenção de desestabilizar o atual governo. Estamos vivendo uma situação de relativa instabilidade institucional no Brasil, mas existem muitos problemas subjacentes a essa institucionalidade. Algumas questões são estruturais e têm muita coisa a ser arrumada. Podemos dizer que em todo o sistema estatal institucional brasileiro o caixa 2 é uma prática comum. Isso porque, se o caixa 2 não for feito, muitas vezes, não é possível desenvolver os projetos dentro de uma instituição. O dinheiro, às vezes, é tão ligado a algumas siglas, e as formas de financiamento são tão morosas, que é preciso usar de alguns artifícios para poder desenvolver o trabalho cotidiano institucional. Não reconhecer esse problema e não saber que todo mundo faz caixa 2 para poder sobreviver, é um pouco de hipocrisia. E a mídia está tratando isso como se fosse a coisa mais recente no Brasil, que surgiu só agora. Outro problema que está vinculado a esse é o exagero de custo das campanhas e o lado positivo dessa crise é a possibilidade de haver alguns saneamentos nesse custo. É um absurdo a quantidade de dinheiro que se gasta em campanha eleitoral em um país com tantas necessidades como o Brasil. O controle desses gastos também favorece a própria democratização das eleições, pois as pesquisas mostram que quem tem condições de fazer uma campanha eleitoral e de se reeleger normalmente são as pessoas ricas.

IHU On-Line - Quais os pontos mais fracos da forma de viver a democracia no Brasil que permitiu chegar à situação que hoje vivemos?

Ilse Scherer – Um dos pontos fracos da democracia no País está vinculado, ainda, a situações institucionais, que, às vezes, nem sempre estão adaptadas da melhor forma para que a democracia seja estendida a toda a sociedade. Um dos maiores problemas são as próprias leis que não são as mais adequadas para a institucionalidade da democracia. Outro problema é a questão do sistema representativo, em que vemos uma distância muito grande entre a participação da sociedade civil organizada e o governo, que se coloca como representante da sociedade, mas que, normalmente depois de eleito, não tem mais nenhum tipo de relação com essa sociedade que o elegeu.

IHU On-Line - Qual deveria ser o papel da sociedade civil, que também está dividida, neste momento?

Ilse Scherer – A sociedade civil está tentando se mobilizar, solicitando a apuração dos fatos e a punição dos culpados. Isso é unânime. Por um lado, temos um grupo que

está vindo mais do lado dos movimentos sociais, que percebe um jogo político por detrás da crise e está dizendo não a isso. E de outro lado, tem uma parte da sociedade civil que vem mais da linha de alguns sindicatos e também de alguns partidos da esquerda mais radical, que está contestando o governo de forma um pouco mais dura. E essa crítica também é vista como uma forma de crescer como esquerda.

IHU On-Line – Como a senhora vê que a crise repercute no cidadão comum, que recebe uma quantidade tão grande de informações? Como isso vai refletir futuramente na questão da democracia?

Ilse Scherer – O cidadão comum é muito influenciado pela grande mídia, que é muito parcial. Ela está fazendo a campanha com as oposições para o enfraquecimento do atual governo. Os movimentos sociais, a sociedade civil organizada, ou até mesmo cidadãos mais politizados da sociedade civil, têm outro tipo de mídia, muito diferente, que é a mídia alternativa da Internet. Ali circulam debates, pontos de vista críticos, em que há muito mais possibilidades de ver o pluralismo das idéias, para que cada um faça a sua própria análise. Essa parte da sociedade está fazendo uma avaliação crítica da situação sistêmica da corrupção, mas, ao mesmo tempo, fazem a crítica do jogo político que está por trás da crise, do uso que está sendo feito disso, e da própria mídia de massa. A grande massa da população fica um pouco atônita com isso. Os reflexos estão na queda do índice de popularidade do governo.

IHU On-Line - O que vai acontecer com o PT nos próximos meses?

Ilse Scherer – Enfraquecimento já houve e ainda vai continuar por algum tempo. Se as apurações não avançarem muito mais do que já foi visto até o momento, o PT continuaria sua trajetória. Mas vai ser difícil recuperar tudo o que já foi manchado na figura do partido. De qualquer maneira, houve uma perda considerável.

IHU On-Line - Que proposta deveria ganhar a presidência do PT para devolver a credibilidade ao partido?

Ilse Scherer – Deixo claro que não tenho e nunca tive partido político. Como intelectual tenho que fazer a crítica de todos os lados. O PT, historicamente, sempre teve uma proposta muito mais voltada para o social. Hoje, poderíamos fazer alguma crítica em relação às práticas mais atuais do PT. As pessoas dizem: "se esperava que os outros partidos fizessem, mas que o PT não fosse fazer a mesma coisa". Nem os outros podem fazer! Nem o PT, nem os outros! As características de um projeto para a presidência do PT, se o PT quiser continuar avançando na sua proposta histórica de partido, seriam a preocupação em ficar muito atento aos processos de radicalização da democracia no interior do próprio partido, na sua relação com a sociedade, e não abandonar a sua proposta de prioridade social. Com isso o partido avançaria. Nesse sentido, o Tarso Genro é uma figura importante para dar continuidade à proposta nessa direção.

IHU On-Line - Que caminhos a senhora apontaria para sair desta crise?

Ilse Scherer – O que falta no Brasil são políticos estadistas, que colocam a nação e o projeto de nação à frente das disputas meramente eleitorais. A maioria quer o poder pelo poder. A minha esperança é que, se, de fato, o que há de errado já foi colocado na esfera pública, aos poucos, a situação vá se normalizando e as pessoas consigam fazer seu próprio julgamento. Eu gostaria de ver a sociedade civil, tendo mais discernimento nesse processo, não se deixando manobrar pelos interesses políticos e pela mídia.